

Pos-moderno. (Para Milton Vargas)

Simposio Internacional "Laboratorio do Futuro", Steyr, 6/9/90

Dois amigos se encontram no ano 2 a;Cr., e combinam novo encontro para o ano 2 d;C. Essa historia absurda evoca a insistente discussão atual sobre a pos-modernidade. A impressã que isto causa é a de impaciência mal suportada. Por certo; a modernidade se tornou insuportável por múltiplas razões convergentes. Mas isto não autoriza falarmos em pos-modernidade. Não podemos desta forma escapar ao fato lamentável sermos modernos. Com efeito; a discussão da pos-modernidade impõe não tanto a reflexão sobre o que seja "pos-moderno", mas o que seja "moderno". O termo é ambiguo, porque várias linguas o utilizam com vários significados em momentos variáveis. Por exemplo; se uma dama do Segundo Império usa chapéu moderno, trata-se de chapéu então em moda e atualmente fora de moda. Ou; se o termo "moderno" é utilizado em texto inglez, deve ser traduzido ^{por} "neuzeitlich" para texto alemão, já que "modern" em alemão significa outra coisa. Por certo; o termo "pos-moderno" visa originalmente o termo "moderno" em arquitetura. Como o estilo introduzido pelos modernos do tipo Corbusier se tornou insuportável (por serem os edificios invivíveis), os arquitetos passaram a "pos-modernos". Mas a discussão filosofico-critica em torno de "posmoderno" (que é o nosso tema aqui) extravasa a arquitetura. Proponho portanto que "moderno" signifique a época que seguiu ao medio evo, e que reflitamos sobre se ainda a vivemos.

O problema é aonde agarrar tal época afim de concebê-la. Dois pontos de apoio se oferecem enquanto "pontos iniciais da modernidade". O primeiro é uma sentença de Henrique o Navegador, aproximadamente: "vã là e veja". O segundo é uma sentença de Nicolau de Cusa, aproximadamente: "Deus é oniciente mas não pode saber melhor que nos que $1+1=2$ ". Henrique (1394-1460) visa incentivar frota a proseguir viagem, quando esta esbarra contra um mar que parece estar fervendo. O Cusano (1401-1464) visa demonstrar a superioridade do pensamento matemático sobre o pensamento articulado em palavras. As duas sentenças curtas convergem, e a presente contribuição procurará mostrar como/

A sentença do Cusano afirma que o saber Divino é quantitativamente mas não qualitativamente diferente do humano. Com isto o Cusano questiona a autoridade da teologia. A sentença de Henrique questiona a autoridade da razão comum que afirma que "quanto mais meridional tanto mais quente". Mas dizer que ambas duvidam da autoridade é simplificar o problema. O Cusano questiona a autoridade teologica por argumento racional, e Henrique a autoridade do senso comum por argumento empiricista. Duas autoridades diferentes e independentes uma da outra estão sendo questionadas de dois pontos de vista opostos.

Sabemos que Igreja e senso comum se identificam durante a Idade média, embora isto seja difícil a ser concebido atualmente. Para nos, a ideologia da Igreja é amalgama inconsistente e contraditorio de elementos judeus, gregos e outros, colados por compromissos politicos e sociais, e totalmente incongruente com a razão de todos os dias. Como fazer aceitar pela razão comum que (por exemplo) $1=3$, ou que Jesus é totalmente Deus e totalmente Homem? Ora, o verdadeiro milagre da Idade média não é a Incarnação ou a Ressureição, mas o fato da ideologia da Igreja se ter tornado a razão comum do Ocidente. "Catolico" significa efetivamente o que é acreditado sempre por todos em todo lugar, e quem não o acreditar é louco. Nos aqui reunidos para refletirmos sobre o Ocidente devemos admitir tal milagre.

Há os que procuram des-explicar o milagre ao reduzirem sobre Aristoteles tanto a razão comum quanto a ideologia da Igreja. O Cusano e Henrique estariam ambos questionando a autoridade de Aristoteles, e seria isto que interessa. Aristoteles ensina que o saber Divino é essencialmente diferente do humano, porque o Divino é imovel e o humano motivado, e é isto o que o Cusano nega. Aristoteles ensina que o Norte (habitado por ursos) e o Sul (habitado por leões) são os dois extremos do "orbis terrarum" e que um é frio extremo e o outro calor extremo, e é isto que Henrique nega. Mas dizer que ambos, Henrique e o Cusano, são anti-aristotélicos é dizer muito pouco. Seria dizer que ambos são "pos-aristotélicos", e isto é tão pobre quanto dizer que nos somos "pos-modernos". O interessante é, pelo contrário, que ambos são católicos crentes: o Cusano é bispo, Henrique filho de rei católico, e ambos aceitam a autoridade da Igreja. A idéia que organizar a descoberta da costa ocidental da Africa ou propagar o pensamento matemático seria pôr em questão a autoridade do Papa seriamente recusada por ambos. E ambos teriam razão ao recusarem tal imputação de infidelidade. E é isto que interessa.

Atacar a autoridade da Igreja e da razão comum apenas pela razão formal (matemática, "teórica") não é atacá-la. A autoridade se salva por recurso à evidência dos sentidos. Atacar a autoridade da Igreja e da razão comum apenas pela evidência dos sentidos não é atacá-la. A autoridade se salva por recurso à razão (à filosofia e à verdade revelada). Portanto nem o Cusano nem Henrique, tomados cada um por si, atacam a autoridade. São, cada um por si, perfeitamente medievais, perfeitamente crentes. Mas tomados em conjunto, o Cusano e Henrique derrubam a autoridade. Retiram todo apoio: são, tomados em conjunto, "modernos".

O que acaba de ser dito é mera banalidade. Estamos cansados de saber que a ciência moderna se apia sobre a dialéctica entre a razão "pura" (teoria) e a evidência dos sentidos (observação, experimento). E estamos cansados de saber que a ciência moderna com a técnica que dela se segue distingue a Idade moderna. Mas a mera banalidade deixa de sê-lo no presente contexto. Afirma que o "moderno" surge sem que haja necessariamente gente moderna. Nem o Cusano, nem Henrique, nem qualquer outra pessoa no início do século 15 é realmente moderna, mas a modernidade se inicia com o século 15. O Cusano é radicalmente antimoderno, porque pensamento formal não apoiado em observação é radicalmente antimoderno. Henrique é radicalmente antimoderno, porque observação não apoiada por teoria é radicalmente antimoderna. No entanto: em conjunto (e em conjunto com outros), tais pessoas radicalmente antimodernas criam a modernidade. Procurarei refletir sobre isto: seria este o nosso caso? Pessoas radicalmente e desesperadamente modernas criando em conjunto o pos-moderno?